

A HISTÓRIA ORAL NA SALA DE AULA:

uma abordagem possível na formação inicial de professores de Matemática

Vinicius Sanches Tizzo
Unesp – Rio Claro
viniciustizzo@gmail.com

Resumo:

Este texto tem como propósito apresentar alguns resultados e discussões de uma pesquisa interessada nas potencialidades da utilização da História Oral no processo de formação inicial de professores de Matemática. O texto compõe-se da dissertação de mestrado *A História Oral como uma Abordagem Didático-Pedagógica na Disciplina Política Educacional Brasileira de um Curso de Licenciatura em Matemática*. Tal pesquisa sinaliza a abordagem da História Oral, por meio da mobilização de seus procedimentos, como uma prática profícua para auxiliar processos formativos voltados ao futuro professor de Matemática, na medida em que possibilita um caminho de inscrição do percurso pessoal e profissional dos licenciandos na história, trazendo aportes para o desenvolvimento da compreensão crítica, no que tange à atuação desses futuros professores.

Palavras-chave: História Oral. Licenciatura em Matemática. Política Educacional Brasileira.

1. Introdução

Não é raro observar que a licenciatura em Matemática, sobretudo nos meios de circulação em massa, tem recebido contundentes críticas e, de certo modo, tem sido responsabilizada pelo baixo desempenho dos estudantes da educação básica em Matemática. Além disso, temos testemunhado a proliferação de exames externos que tendem a desconsiderar alguns aspectos vitais para desenvolvimento profícuo da educação básica no país, tais como: cotidiano escolar, contexto das turmas, condições de trabalho do professor; e que por isso, tais exames, em última instância, acabam por atribuir aos professores que ensinam matemática a responsabilidade pelo insucesso dos alunos.

Este texto, por meio de uma proposta de reflexão sobre aspectos que envolvem a formação de professores de Matemática, milita em prol dos estudos interessados neste campo de investigação e que têm colocado em debate teorias e práticas que podem contribuir com a profissão docente dos egressos. Os estudos sobre a formação inicial de professores de Matemática tem se mostrado amplo e assinalado estratégias didático-pedagógicas que, ao serem implementadas no processo formativo dos futuros docentes, tem a potencialidade de

ampliar as possibilidades de compreensão, por partes dos futuros professores, sobre suas frentes de atuação.

Estudos como os Schwarzstein (2001), Onuchic e Allevato (2004), Silva (2013), Tizzo (2014), Javaroni e Zampire (2015), são alguns exemplos que compõem o significativo repertório de investigações que tem direcionado seus esforços à investigação de estratégias relativas ao estudo, por exemplo, de projetos, intenções, sucessos e limitantes relativos à inclusão de novas metodologias em programas de formação de professores, tendo como ênfase os cursos de licenciatura em Matemática; à análise e elaboração de propostas de textos didáticos e atividades específicas nos cursos de licenciatura; à interferência nas políticas públicas que tratam do desenvolvimento curricular; à investigação de potencialidades de vinculação entre diferentes linhas de pesquisa em Educação Matemática, como: a Modelagem, a Resolução de Problemas, a utilização de novas mídias no ensino, a Etnomatemática, a História Oral, dentre outras.

Neste sentido, especificamente neste texto, intencionamos apresentar alguns aspectos relacionados a uma pesquisa de mestrado que propôs a utilização da História Oral como uma estratégia em potencial para formar futuros professores de Matemática. Tal estudo, envolvendo pesquisa e intervenção, se desenvolveu no âmbito da disciplina Política Educacional Brasileira do curso de formação inicial de professores em Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Rio Claro, cujos dados foram constituídos e analisados em Tizzo (2014)¹.

Por serem as narrativas orais as principais fontes de análise de um trabalho fundamentado na metodologia da História Oral, inicialmente, neste texto, na seção intitulada *Dos usos da História Oral e suas potencialidades para a sala de aula*, buscamos descrever os usos mais comuns da História Oral, com atenção especial às suas contribuições para a pesquisa em Educação Matemática, atentando-se às contribuições e potencialidades desse uso na sala de aula.

¹ Pesquisa de mestrado desenvolvida com o fomento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Em Silva, H. (2013) e Tizzo, Flugge e Silva (2015) encontram-se discussões sobre resultados de intervenções realizadas em outras disciplinas, promovidas pelas ações de um projeto maior intitulado “História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção”, cujo objetivo foi elaborar e aplicar estratégias de formação de professores (de Matemática) lançando mão da História Oral, bem como elaborar uma compreensão sobre tais estratégias¹ e aplicação a partir de uma fundamentação na metodologia da História Oral exercitada no interior do Grupo História Oral e Educação Matemática.

A História Oral como uma abordagem didático-pedagógica e como metodologia de pesquisa é uma seção, deste texto, que além de apresentar uma agenda possível para a implementação da História Oral como uma abordagem para a disciplina Política Educacional Brasileira, contempla e sintetiza, respectivamente, a descrição dos dois usos feitos da História Oral na pesquisa de Tizzo (2014), descrevendo as etapas da intervenção didático-pedagógica proposta, sob a luz da História Oral e apresentando o método utilizado nesta pesquisa, fundamentado em trabalhos da Educação Matemática que utilizam a História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa.

Um cenário de possibilidades e potencialidades intitula a penúltima seção deste artigo, nela são abordados alguns resultados do trabalho de Tizzo (2014) e expostas algumas compreensões sobre os aspectos emergentes da respectiva pesquisa, tratando sobre questões significativas para a formação inicial de professores de Matemática e sobre as possibilidades trazidas pelos procedimentos comumente utilizados em História Oral à disciplina Política Educacional Brasileira.

Na seção que finaliza este texto buscamos trazer *Algumas considerações* sobre a pesquisa desenvolvida, percepções com relação ao objeto de estudo e apontamentos quanto às possibilidades abertas pela investigação.

2. Dos usos da História Oral e suas potencialidades para a sala de aula

São múltiplos os estudos que discutem os métodos empregados em trabalhos que têm por referência os pressupostos da História Oral. Trabalhos como os de Ferreira e Amado (2001); Garnica (2005); Martins-Salandim (2007); Schwarzstein (2001); Souza (2011); Santhiago e Magalhães (2015), dentre muitos outros, além de sinalizarem os usos dessa abordagem, revelam e discutem as potencialidades dos recursos que comumente têm sido utilizados e que norteiam essa metodologia de pesquisa.

Tais pesquisas, em especial as desenvolvidas pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem), endossam que a História Oral não é vista como uma configuração de metodologia que busca preencher as lacunas em trabalhos que se valeram de outras fontes. A História Oral é compreendida como “elemento vital para a constituição de versões de uma história. A entrevista, enquanto técnica adotada em História Oral, se diferencia quanto ao uso e abordagem, pois tem como pressuposto que se está produzindo uma fonte, um documento” (MARTINS-SALANDIM, 2007, p. 21). Deste modo, para o Ghoem, a História não é uma

narrativa singular, a História é uma relação entre narrativas. Desta forma o que as investigações desse grupo buscam constituir, são versões plausíveis sobre histórias do tempo presente sobre um passado, ao considerar uma diversidade de fontes.

Em Tizzo (2014) evidenciamos essa relação entre o trabalho com narrativas – elaboradas por meio da História Oral – e a constituição de fontes históricas, pois a atividade de intervenção proposta está ligada a uma disciplina do curso de Licenciatura em Matemática que, além da apresentação da estrutura e do funcionamento das escolas, propõe a exposição, aos licenciandos, de um histórico sobre as transformações políticas ocorridas no sistema educacional brasileiro. Além disso, a história tem sido apontada, tanto nas pesquisas quanto nas propostas curriculares, como um dos componentes importantes para o ensino e a aprendizagem da Matemática, enfatizando-se suas diversas potencialidades.

Em relação ao método, nas pesquisas em História Oral vinculadas ao Ghoem, buscamos “engendrar um mecanismo que, julgado eficaz, nos dê pistas para compreender determinada situação, resolver determinado problema, responder determinada questão ou encaminhar determinados entraves” (GARNICA, 2005, p. 84). No grupo a metodologia não é compreendida apenas como um conjunto de procedimentos, mas como um conjunto de procedimentos e suas fundamentações. Compreendemos que a metodologia é sempre um fazer em trajetória que deve se adaptar as necessidades da pesquisa e não o contrário.

Como sinalizam Santhiago e Magalhães (2015), a História Oral enquanto método de pesquisa se configura como um procedimento demarcado pela dinamicidade e, como abordagem didático-pedagógica, ela possibilita a ampliação de habilidades de leitura e escrita, sobretudo por estimular a criatividade dos estudantes que porventura se envolvam com uma abordagem proposta. Em vista de tais possibilidades sobre o uso de narrativas, constituídas a partir da História Oral, concordamos com Garnica (2012, p. 340) que defende a proposta de “ouvir o outro” como um ponto de partida fundamental aos pesquisadores interessados no trabalho com narrativas, isto é, sugere a tentativa de compreensão de experiências e a possibilidade de criação de estratégias de ação para futuros professores, por exemplo. Neste sentido, o autor evidencia o significado potencial que pode ter o trabalho com narrativas durante os cursos de formação de professores.

Próximo a essas considerações, em Tizzo (2014) buscamos exercitar a História Oral como abordagem de ensino e como metodologia de pesquisa, nesta empreitada foi possível compreender o significado que as narrativas orais assumem em uma proposta com tais características, isto é, a História Oral permite a produção de narrativas orais, narrativas de

memória que não buscam apreender a totalidade de uma experiência, nem provar uma verdade absoluta. Percebemos que as narrativas provenientes de entrevistas com profissionais da educação podem ser consideradas fontes de conhecimento sobre aspectos da política educacional brasileira, tanto quanto são os textos e documentos oficiais. Como sugere Bruner (1991), a narrativa compreendida deste modo, é concebida como uma forma de saber, uma maneira de compor e compreender realidades, um exemplo de reflexão centrado no significado da experiência e mais precisamente, a primeira forma pela qual a experiência humana é contemplada importante.

Schwarzstein (2001) e Souza (2011), por exemplo, são autoras que sinalizam para diversas potencialidades da utilização da História Oral em sala de aula. Por exemplo, Souza (2011) compreende essa iniciativa como uma possibilidade de produção de conhecimento e de mobilização de alunos e professores que, juntos, comporiam histórias sobre sua escola e comunidade. Para Schwarzstein (2001), propor um trabalho com História Oral em sala de aula é um modo de requerer e promover, entre os alunos, capacidades e atitudes, tais como habilidades de indagação e análise, características essenciais para o desenvolvimento de um pensamento crítico. A História Oral deve ser considerada como uma abordagem que possibilita a produção de novos conhecimentos, isso porque compreendemos que a narrativa, estruturada a partir de uma entrevista, é resultado de uma interação entre o entrevistado e o entrevistador, é essa estruturação que guiará o que será recordado.

Nessa direção, a pesquisa que desenvolvemos buscou apresentar as potencialidades do uso de narrativas orais e escritas para formação inicial de professores, em particular, de professores de Matemática. O trabalho apresentado neste artigo, além de abranger narrativas produzidas por futuros professores em processo de formação, abarcou o uso de narrativas orais de pessoas externas a esse processo.

3. A História Oral como uma abordagem didático-pedagógica e como metodologia de pesquisa

Fundamentados nos princípios metodológicos qualitativos da História Oral na Educação Matemática, propomos uma intervenção de ensino na disciplina Política Educacional Brasileira cuidadosamente pensada, isto é, a partir da análise de um conjunto de referências sugerimos uma abordagem, uma estratégia, potencialmente significativa para a sala de aula de Política Educacional Brasileira. Tratamos de implementar efetivamente essa proposta e avaliar, em trajetória, essa aplicação, seus altos e baixos e suas potencialidades em

um caso específico. Vale ressaltar que as situações descritas sobre tal intervenção são resultantes de um caso específico do que ocorreu com a sala de aula em que ela se deu. Com isso, não se pode afirmar que tais situações possam ser extensivas a outras salas de aula da disciplina Política Educacional Brasileira, já que, por sua vez, a caracterização das situações dadas durante a intervenção mostrou-se como uma situação em decorrência de uma compreensão intermediária, que não pode ser tomada como medida, mas como indícios apresentados pelos dados empíricos e pelo quadro teórico utilizado. Em uma etapa posterior à intervenção que propomos na disciplina Política Educacional Brasileira, nos centramos exclusivamente na análise dos dados constituídos e nossa preocupação fundamental foi impulsionar modalidades de ensino que abordem uma história processual e problematizada.

No trabalho que realizamos a História Oral teve dupla função: foi utilizada como estratégia de intervenção – na disciplina Política Educacional Brasileira do curso de licenciatura em Matemática – e, também, como metodologia de pesquisa, norteando a produção e análise dos dados. Nos parágrafos seguintes sintetizamos ambas as utilizações da História Oral feitas por Tizzo (2014).

Para a elaboração das estratégias em que a História Oral participasse como uma abordagem didático-pedagógica na disciplina Política Educacional Brasileira, no curso de Licenciatura em Matemática da Unesp/Rio Claro, primeiramente investigamos os assuntos nela tratados. Para tanto, inicialmente tivemos acesso ao seu programa e estabelecemos um primeiro contato com a professora que a ministrava, com o intuito de acessar, também, o plano de atividades que desenvolvia junto à disciplina Política Educacional Brasileira daquele curso e de propor uma parceria para o desenvolvimento do trabalho. Nessa mesma conversa a professora responsável pela disciplina manifestou-se a favor de colaborar com a pesquisa.

Posteriormente, juntamente com a professora foi decidido o plano de atividades para a intervenção didático-pedagógica. A professora elencou os temas envolvendo o conteúdo da disciplina como proposta de trabalho a ser desenvolvido por duplas de alunos sob a abordagem da História Oral – as duplas tiveram liberdade de escolher o tema exposto, de acordo com suas preferências; a nota do trabalho substituiu a nota da prova escrita, prevista no plano de atividades da disciplina.

Para o trabalho com a História Oral na disciplina Política Educacional Brasileira, foram elencadas pela professora responsável as seguintes temáticas envolvendo aspectos do conteúdo programático da disciplina: Educação e Política no Brasil; Memória: alguns aspectos da política educacional brasileira; Debate entre Exclusão e Inclusão; Educação x

Professor de Matemática: métodos avaliativos no âmbito da sala de aula e cotidiano; Violência nas escolas. Esses cinco temas foram trabalhados, separadamente, por seis grupos de estudantes, sendo o tema “Violência nas escolas” selecionado e estudado por dois grupos diferentes.

Para o estudo destas temáticas foram, então, definidas nove etapas pautadas nos recursos da História Oral: 1) escrita de uma *memória individual* pelas duplas de alunos sobre o tema escolhido, buscando apresentar o que já conheciam sobre o tema; 2) leituras de textos fornecidos pelos pesquisadores e professora responsável, referentes ao tema em estudo; 3) apresentação e discussão dos fundamentos e procedimentos da História Oral aos alunos; 4) elaboração de roteiro de entrevista a realizar-se com um(a) professor(a) em serviço, por cada dupla; 5) contato e realização de entrevista com professor(a) em serviço; 6) transcrição das entrevistas gravadas; 7) textualização das transcrições; 8) apresentação dos trabalhos pela e para a turma de alunos da disciplina; 9) legitimação das textualizações pelos entrevistados e assinaturas de cartas de cessão de direitos sobre tais textualizações.

Além de considerar as observações dos momentos da intervenção, bem como os dados constituídos junto com os alunos da disciplina, ponderamos que questionar estes sobre suas impressões acerca da intervenção proposta era um procedimento legítimo de uma pesquisa em História Oral. Deste modo, a partir das observações realizadas e registros produzidos junto aos momentos da intervenção, na pesquisa os alunos e a professora da disciplina Política Educacional Brasileira foram indagados sobre suas impressões, dificuldades e facilidades quanto à realização de uma proposta como essa.

Essa etapa foi iniciada com a elaboração de um roteiro base para a realização das entrevistas com os alunos e com a professora. Para tanto, buscou-se subsídios nas observações realizadas durante o processo de intervenção na disciplina Política Educacional Brasileira e na gravação das apresentações feitas pelos alunos ao final da intervenção. Esse roteiro contemplou questionamentos comuns a todos os grupos, indagações a respeito das diversas fases da atividade, questões referentes a cada tema trabalhado e a cada bibliografia estudada.

Embora, durante essas entrevistas, os alunos e a professora, várias vezes, tenham adotado uma postura analítica quanto à realização de uma proposta como essa, não visamos, nem sugerimos e muito menos exigimos que assim eles procedessem. O objetivo com essas entrevistas foi que os alunos e a professora relatassem suas experiências frente a tal proposta. Cabe ao pesquisador a tarefa de conduzir a análise a partir dos depoimentos que foram coletados. Embora o pesquisador não tenha recursos para impedir que seus depoentes assim

procedam, é um equívoco esperar que seus entrevistados venham a agir dessa forma. Aliás, essas análises críticas, feitas pelos depoentes, nem sequer devem ser compreendidas como análises do pesquisador.

4. Um cenário de possibilidades e potencialidades

Tendo os dados constituídos na pesquisa de Tizzo (2014), isto é, as *memórias individuais*, as entrevistas realizadas pelos acadêmicos e as que realizamos com eles e com a professora, como disparadores de perspectivas, nesta seção, ainda que sinteticamente, apresentamos as convergências presentes em tais etapas, tratando sobre aspectos significativos para a formação inicial de professores de Matemática e sobre os procedimentos da História Oral como abordagem didático-pedagógica.

Uma das convergências que observamos nas entrevistas com os alunos da disciplina Política Educacional Brasileira, se refere ao contato com experiências narradas por professores em serviço. Natalia, uma das alunas envolvidas na atividade, por exemplo, considera que “*na universidade estamos acostumados apenas consultar livros, autores. Essa proposta de trabalho com entrevistas é uma forma de investigar o que os profissionais estão vivendo no nosso futuro local de trabalho, a escola*”. Neste sentido, vale retomar o tema das narrativas e sua relação com a experiência, ou seja, segundo Larrosa (2002), é após a experiência que se configura um saber abrangente sobre um determinado fenômeno antes desconhecido. A narrativa é, assim, uma forma de se compreender a experiência, já que a mobilização de um determinado saber pode dar-se por meio da narrativa.

Desta forma, defendemos que a utilização da História Oral como abordagem para o tratamento dos temas elencados na disciplina Política Educacional Brasileira possibilitou, por meio do contato e tratamento das narrativas, a exposição de perspectivas referentes à temática sugerida, inclusive as idiosincrasias, as reminiscências, os lapsos, etc, fazendo-se, portanto, um momento de intercâmbio entre informações colhidas pelos alunos da disciplina e as experiências narradas pelos professores colaboradores. Interação que, por sua vez, fez sentido e passou a constituir-se como algo experienciado pelos licenciandos em dois momentos distintos: na gravação da entrevista, momento em que estavam presentes na escola acompanhando a dinâmica daquele ambiente; e no tratamento da entrevista, efetivado nos processos de transcrição, textualização e legitimação do depoimento que constituiu a narrativa de cada professor entrevistado. Entretanto, essa experiência a que nos reportamos, só fez sentido porque os alunos da disciplina Política Educacional Brasileira se deixaram afetar, na

medida em que, ao se prepararem para as entrevistas, levantando suas dúvidas e curiosidades sobre o assunto, e ao darem um tratamento a essas entrevistas, permaneceram envolvidos com os conhecimentos e informações mobilizados em todo esse processo.

De maneira regular, na compreensão que elaboramos em Tizzo (2014), os alunos asseguram que a prática de estar em contato com o espaço escolar não é frequentemente cultivada na universidade, pois são raras as iniciativas que incentivam essa aproximação dos alunos da licenciatura com a escola. Na maioria das vezes, esse contato só é possibilitado pela prática de estágio obrigatório. Fernanda, outra discente da disciplina Política Educacional Brasileira, na ocasião em que propomos a intervenção didático-pedagógica envolvendo a História Oral, pondera que essa *“foi uma ótima oportunidade para vermos como ela funciona, como são os problemas que os professores e os alunos enfrentam diariamente. Em três anos de curso, só fui à escola duas vezes”*.

Para os discentes, a intervenção didático-pedagógica proposta foi uma oportunidade de conhecer, “na prática”, um pouco do trabalho docente. Inclusive, encontramos sustento para essa consideração no depoimento da professora responsável pela disciplina, quando ela reporta-se às motivações que a levaram a indicar os temas que, posteriormente, foram escolhidos e pesquisados pelos alunos da disciplina. Segundo a professora Marilena, responsável pela disciplina Política Educacional Brasileira na ocasião em que realizamos a intervenção didático-pedagógica, *“o estudo por temas sugere que, além da teoria, outros mais devam aparecer, principalmente os ligados à prática, pois, em minha opinião, isso daria uma feição diferente à disciplina, além de ficar mais interessante para os alunos”*.

Retomando a argumentação a respeito das convergências e regularidades percebidas nas narrativas dos alunos da disciplina Política Educacional Brasileira, um aspecto bastante interessante que se tornou uma marca regular nos trabalhos realizados pelos estudantes é a da mudança ou inversão de opinião sobre o tema estudado no decorrer da atividade de investigação. Movidos, inicialmente, pelo desconhecimento sobre o assunto, alguns alunos iniciaram suas pesquisas com demasiado preconceito, o qual foi revogado com a agregação de novas informações sobre o tema, durante o desenvolvimento do trabalho – ou por meio do estudo dos referenciais sugeridos, ou de discussões com o pesquisador e professora da disciplina, mas, sobretudo, por meio da entrevista. A aluna Noemi que fez dupla com Tiago e juntos trabalharam a temática “Debate entre a Exclusão e a Inclusão”, por exemplo, afirma que o trabalho foi marcado pelo desconhecimento, já que se prenderam apenas às críticas relacionadas ao processo de inclusão dos alunos com deficiência. Mas, com o desenrolar da

atividade, a partir do estudo sobre o tema e entrevista com a professora Carla, perceberam que *“Não está perfeito, mas também não é tão ruim”*. Segundo Noemi, as *“escolas já dispõem de uma sala de recurso onde os alunos com necessidades especiais frequentam e há um atendimento de acordo com cada necessidade”*. Josso (2002) considera que inversões de opiniões como essas, como também o fortalecimento de uma opinião a partir de novas argumentações ou justificativas é o que, sob o ponto de vista da formação que se dá a partir de situações de experiência (como definida anteriormente), caracteriza o processo de formação. De outro modo, se uma dessas duas situações citadas ocorre, então há formação.

Em relação aos procedimentos comumente abordados em pesquisas que lancem mão de uma abordagem metodológica balizada na História Oral e que foram implementados na intervenção didático-pedagógica proposta para formar professores de Matemática, destacamos uma das possibilidades que se configura, no julgamento dos alunos da disciplina Política Educacional Brasileira, como uma potencialidade do método. Essa potencialidade refere-se à abertura da metodologia História Oral para a incorporação de outras fontes de pesquisa, além das produzidas a partir de um testemunho oral. Fontes que possibilitem aumentar o repertório de informações sobre um determinado tema. Essa percepção surgiu a partir do estudo dos referenciais sugeridos para que os alunos da disciplina Política Educacional Brasileira se apropriassem dos recursos disponíveis no trabalho com a História Oral. Nas palavras de Natalia: *“isso foi algo que me chamou a atenção, pois a utilização de documentos, fotos e objetos na pesquisa era algo que eu não conhecia. Compreendi que esse método pode colaborar com a memória, pois as pessoas ao olhar para essas coisas se lembravam das histórias, dos acontecimentos”*.

Deste modo, defendemos que a proposta de utilização dos recursos metodológicos inerentes à pesquisa com História Oral, por meio de uma abordagem mobilizada por uma intervenção didático-pedagógica na disciplina Política Educacional Brasileira, serviu para sensibilizar os acadêmicos para as potencialidades de formação oferecidas pelas disciplinas pedagógicas. Além disso, o trabalho se configurou como uma aproximação dos discentes envolvidos com as práticas da pesquisa. Embora a decisão dos acadêmicos em prosseguir ou não nessa empreitada escape das intenções dos pesquisadores, a intervenção didático-pedagógica ofereceu embasamento sobre procedimentos de pesquisa e abriu a possibilidade de os discentes iniciarem um trabalho acadêmico ou uma pesquisa científica. Desta forma, a experiência tocante aos discentes, possivelmente, lhes permitirá melhor compreender algumas

das várias dimensões de sua atuação docente e instrumentalizar-se para novas pesquisas sobre a escola.

5. Algumas considerações

Consideramos que a utilização da História Oral como abordagem possível na (e para a) formação de professores de Matemática é uma forma de amparar esses licenciandos, seus fazeres, suas perspectivas de presente e futuro, para dar sentido a situações que, ainda que sejam singulares e não suas, os coloquem diante de relatos de experiências que poderiam ser suas e dizem de decisões que terão que tomar ao iniciar suas carreiras docentes.

A proposta de apresentar a História Oral como uma possibilidade de trabalho no processo de formação inicial de professores de Matemática ou, mais especificamente, como uma abordagem didático-pedagógica no tratamento de temas da disciplina Política Educacional Brasileira de um curso de Licenciatura em Matemática, foi encarada por nós como um desafio, pois, em geral, os diversos trabalhos desenvolvidos pelos integrantes do Ghoem têm concebido a História Oral como uma metodologia de pesquisa que envolve a criação intencional de fontes a partir da oralidade, comprometendo-se com análises coerentes à sua fundamentação. Assim, a pesquisa que desenvolvemos se configura como uma proposta pioneira que poderá balizar novas investidas sobre a utilização da História Oral na (e para a) formação de professores, pois, entendemos que a História Oral, além de contribuir com as práticas de pesquisa científica, pode colaborar com o processo de formação inicial de professores de Matemática por valorizar o contato dos licenciandos com experiências narradas por professores atuantes em sala de aula sobre seus enfrentamentos com relação a uma determinada temática.

6. Referências

BRUNER, J. A Construção Narrativa da Realidade. Tradução de Waldemar Ferreira Netto. *Critical Inquiry*. Chicago, 1991, n. 18, p. 1-21.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

GARNICA, A. V. M. *A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro*. Comunicação apresentada no V Congresso IberoAmericano de Educação Matemática, Porto, jul. 2005.

GARNICA, A. V. M. Estacas em Paisagens Móveis: um ensaio a partir da narrativa de três professores de Matemática. In: TEIXEIRA, I. A. de C. et al (Org.). *Viver e Contar*:

experiências e práticas de professores de Matemática. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012, p. 329-345. (Coleção Contextos da Ciência).

JAVARONI, S. L.; ZAMPIERE, M. T. O Uso das TIC nas Práticas dos Professores de Matemática da Rede Básica de Ensino: o projeto Mapeamento e seus desdobramentos. *Bolema*, Rio Claro, v. 29, n. 53, p. 998-1022, dez. 2015.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2002.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr., 2002.

MARTINS-SALANDIM, M. E. *Escolas Agrícolas e Educação Matemática: histórias, práticas e marginalidade*. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

ONUCHIC, L. de la R.; ALLEVATO, N. S. G. Novas Reflexões Sobre o Ensino Aprendizagem da Matemática Através da Resolução de Problemas. In: BICUDO, M. A. V. & BORBA, M. C. (Org.). *Educação Matemática: Pesquisa em Movimento*. São Paulo: Editora Cortez, 2004. p. 213-231.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. *História Oral na sala de aula*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Práticas Docentes).

SCHWARZSTEIN, D. *Uma Introducción al uso de La História Oral en el aula*. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2001.

SILVA, H. da. Integrando história oral e narrativas a abordagens pedagógicas problematizadoras na formação inicial de professores de matemática. *Revista Educação PUC-Campinas*, Campinas, v. 18, n. 3, p. 269-285, set./dez. 2013.

SOUZA, L. A. *Trilhas na Construção de Versões Históricas sobre um Grupo Escolar*. 2011. 420f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

TIZZO, S. V. *A História Oral como uma Abordagem Didático-Pedagógica na Disciplina Política Educacional Brasileira de um Curso de Licenciatura em Matemática*. 2014. 345f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

TIZZO, V. S.; FLUGGE, F. C. G.; SILVA, H. da. Práticas Possíveis com a História Oral na Formação Inicial de Professores (de Matemática). *Bolema*, Rio Claro, v. 29, n. 53, p. 887-908, dez. 2015.